

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Bom, deixa eu falar com vocês aqui. Nós tivemos uma atividade aí pela parte da manhã, com o Augusto e o Manoel, em visita ao Doutor João Sette, né? Extraí do João, quer saber, saber mais um pouquinho, né, que se ateve ao assunto do Flávio Ferreira da Silva. Então, o Augusto, eu conversei com ele mais um pouquinho, o Augusto, ele é ativista político, militante do PT, tem uma história aí, né, Augusto?

AUGUSTO: Pichador aposentado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É. Pichador aposentado do Fora Temer, né. Mas você foi preso...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Abaixo a ditadura você escreveu bastante, né?

AUGUSTO: Não. Eu só fui para Belo Horizonte em 67, e cheguei em Belo Horizonte em 67 com 15 anos e não sabia nada de nada de nada. Teve esse vazio na minha formação.

JOSÉ AMARO: Cê nasceu em qual cidade?

AUGUSTO: Salinas.

JOSÉ AMARO: Hum. Terra da cachaça?

AUGUSTO: É! Então eu demorei, né, eu sou tardio, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tá certo.

JOSÉ AMARO: Por que você fala “pichador”?

AUGUSTO: Ah, porque no dia que a Dilma teve o impeachment eu fui pra rua pichar “Fora Temer” e a polícia pôs a mão em mim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ficharam ele, né.

JOSÉ AMARO: Teve uma época que a gente era adolescente, (trecho incompreensível) muita gente, a gente costumava pichar os muros aqui na campanha do (trecho incompreensível). Aí teve uma campanha do Lula em 89, que a gente fez a pichação no muro, não sei se você lembra, o pessoal não gostou, não. Porque tem um hino que fala assim: “já raiou a liberdade no horizonte do Brasil”, aí a gente pichou isso: “já raiou a liberdade no horizonte do Brasil. Quando? Onde? Quando? Quem viu? Pô, meu, dá um tempo”, a gente era adolescente, nunca esqueço.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É o hino da independência, né.

JOSÉ AMARO: O policial não gostou assim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Sindicato dos Metalúrgicos foi fundado aqui com mobilização que eu fiz na época. Nunca fui trabalhador de fábrica, mas quando eu fui (trecho incompreensível) em 85, aí nós reunimos um grupo que queria fundar o sindicato dos metalúrgicos, isso aí eu articulei com umas lideranças lá em Belo Horizonte do Sindicato das Telecomunicações, foi através deles que eu trouxe o programa aqui e a época o Jadir, (trecho

incompreensível) uma turma aí que fundou o sindicato (trecho incompreensível), Juquinha, essa turma fundou o Sindicato dos Metalúrgicos. Mas aí, a primeira provocação eu fiz com pichação. Eu fiz! Então eu tenho esse histórico também de ter realizado essas provocações. Eu escrevi no viaduto, nas duas laterais do viaduto, lá em cima.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Fora Temer.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, Fora Temer. “Trabalhador, sindicalize-se!”. Escrevi, lendo pra lá. Do outro, lendo pra cá, escrevi: “Trabalhador, viva, politize-se!”. Deu uma crise em Três Marias, teve reunião na fábrica procurando quem é que tinha pichado aquilo. Não era nenhum deles! E logo aí começaram, aí já tava organizando o sindicato em reuniões clandestinas, reuniões clandestinas! Aí quando eles ficaram sabendo, já estava registrado o sindicato, eles receberam só o comunicado, que eles precisavam do comunicado para levar o registro lá no Ministério do Trabalho. Aí já estava pronto, tudo registrado, tudo, só fizeram o comunicado e eles não tiveram como fazer nada, porque se não assinasse o comunicado, eles entregavam lá assim mesmo. Aí assinaram o comunicado.

JOSÉ AMARO: Em 80, 81...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas deu crise na fábrica, quiseram demitir pessoas, fizeram uma sindicância, saber quem que tinha...

AUGUSTO: E foi uma coisa que cê fez sozinho, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Fiz sozinho, de madrugada. Eu fui corajoso! (Trecho incompreensível) sozinho! Nenhum colega. Eu peguei...

JOSÉ AMARO Pra não ter testemunha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pra não ter testemunha. Mas no trevo podia passar carro, podia passar polícia, né? E eu tava lá com um rolinho de tinta preta e de um lado foi tinta preta, no outro foi tinta vermelha: “Trabalhador, sindicalize-se”, “trabalhador, politize-se!”.

JOSÉ AMARO: Esse negócio de pichação é interessante, depende do olhar de quem vê. Qual é o olhar de quem vê pichação? Em 81, eu fui estudar em São Paulo, fazer eletrotécnico. Eu era adolescente também. Aí 80, 81, 82, eu regressei. Aí quando foi em 81, mais ou menos, aí candidatou, várias pessoas candidataram a prefeito, acho que prefeito de São Paulo. E tinha vários nomes lá, nomes importantes da época, nomes que estava ganha a eleição, tinha uns quatro nomes. E tinha uns nomezinhos lá embaixo, aqueles que vão 1%, sabe? E tinha um nome lá 1%, um nome que não conhecia, eu nem sabia ler direito, “Luiza Erundina”. Aí cê acredita que, cê pode pesquisar isso, cê vê, eu presenciei isso lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 88.

JOSÉ AMARO Não, foi em...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 82.

JOSÉ AMARO: 82! 81... Foi 81 ou 82?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A eleição foi 82.

JOSÉ AMARO: Pois é, então foi isso. E ela ganhou, surpreendeu todo mundo e...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Deputada?

LOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, ela ganhou a prefeita de São Paulo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 88.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Prefeita de São Paulo?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 88. Foi o ano que eu dispuetei com o Melgaço aqui.

JOSÉ AMARO: Ela candidatou duas vezes?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 82, 82 eu não sei quem candidatou a prefeito de São Paulo, não, pelo PT. Não lembro. Foi a primeira eleição pra prefeito de capitais. Não, não teve eleição pra prefeito de capitais, 82.

JOSÉ AMARO: Pois é.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não teve, 82 não teve eleição pra prefeito de capitais, teve eleição pra prefeitos, mas foi a chamada eleição casada, aquela eleição que você tinha que votar, chamado voto vinculado, votar um voto só. Você votou nela?

JOSÉ AMARO: Ah, eu votei então...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 82 cê votou nela?

AUGUSTO: Votei.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pois é, então era voto vinculado. Cê lembra disso. Era o voto vinculado. Tinha que votar num quadro, senão anulava.

JOSÉ AMARO: Eu sei que era um ano par.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas não havia eleição pra prefeito de capitais, que os prefeitos de capitais... Foi 88 a primeira eleição pra prefeito de capitais. Não, foi a segunda, a primeira foi 85, teve eleição solteira, mas ninguém foi candidato de São Paulo. Eleição solteira, 85, para capitais.

JOSÉ AMARO: Aí o pessoal tava pichando nas ruas e naquela época não falava, ah, todo mundo pichando, né, (trecho incompreensível) eram vândalos, os pichadores eram vândalos, aí a Erundina criou um projeto, mandou um cara estudar isso na França e voltou e falou: "isso não é pichação, não. Isso é grafiteagem." E todo pichador vira um artista, e esse foco de grafiteagem cresceu. Criou grafitório na época.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Agora, quem candidatou em São Paulo na eleição solteira de São Paulo em 85, eu não sei. Em Belo Horizonte foi o Virgílio Guimarães.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Virgílio disputou a convenção com o João Batista Mares Guia e ganhou a convenção, João Batista apelou e saiu do PT, né.

AUGUSTO: E o Virgílio perde a prefeitura pra quem?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na época foi o candidato apoiado pelo governador Hélio Garcia, foi o Sérgio Ferraro. Foi o Sérgio Ferraro que foi eleito.

AUGUSTO: Mas aqui tá um papel com as subcomissões, todas as subcomissões. Subcomissão 1, 2, 3, 4, 5, 6, são 6 subcomissões. Mas às vezes, a subcomissão, ela ainda é dividida, tem subcomissão, a subcomissão 3, ela é dividida em: grupo A, trabalhadores rurais, e grupo B, trabalhadores urbanos, que trata de Ipatinga, Morro Velho, perseguição do movimento sindical. Mas eu estou querendo te mostrar aqui que a subcomissão 1, que é a subcomissão a qual eu pertenço, são acontecimentos que envolvem mortes e desaparecimento de opositores da Ditadura. O responsável por ela é o Carlos Melgaço Valadares. Eu lendo o livro do João falei: “tem um Melgaço no livro”, aí ele falou: “quem é? Eu procuro” não achei. Agora cê falou Melgaço aí, então deve ter mesmo isso no livro, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi o tal prefeito que eu falei que eu perdi eleição pra ele em 88, esse Melgaço. E ele foi cassado em 90. 88, 90 ele foi cassado, e eu fui eleito em 92. Ele é casado com uma prima minha, mas ele só se chama, ele não chama Valadares, ele só chama Edson Melgaço. Agora, eu não sei de onde esse camarada é. Ele veio de Belo Horizonte pra cá.

AUGUSTO: Edson Melgaço.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Edson Melgaço. A família dele é de Belo Horizonte, seu...

JOSÉ AMARO: Tem uma cidadezinha de Minas, que eles fala que (trecho incompreensível) Melgaço falou que nasceu lá, esqueci o nome.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pois é, eu não sei de onde que ele saiu, não.

AUGUSTO: E ele foi cassado...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tem um Melgaço também...

JOSÉ AMARO: Cassado por corrupção.

AUGUSTO: É?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É. Esse foi corrupção, esse foi a Câmara que cassou mesmo, processo, foi cassado e voltado, cassado e voltado, porque ele ficava voltando por uma

liminar judicial, anulando o processo, até que deram conta de tirar ele. Ele é da turma do Newton Cardoso, é corrupto deseducado. Sabe o que é corrupto deseducado, né? Que tem uns corruptos disfarçados, eles é educado, né? Esse era deseducado, era na vista, ele não importava com nada, não. Deseducado. Safado, sabe.

AUGUSTO: Como é que é o nome dele?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Edson Melgaço.

AUGUSTO: Edson.

JOSÉ AMARO: Você acredita que eu lancei um livro em 2006, chama: “Barreiro grande”, que é o nome daqui antigo, e “Sangue e barro”, e esse livro, ele moveu uma moção de repúdio na Câmara e todos os vereadores assinaram, em 2006, e eu pus um quadro de... Eu fiquei em depressão primeiro, depois eu pus num quadro lá: “moção de repúdio” contra o livro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Desse Melgaço, esse nome Melgaço, tem um doutor, fui fazer um trabalho em São Gotardo, conhece São Gotardeo? Um município que tem aqui no...

AUGUSTO: Não, conheço não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: No Alto Paranaíba. Aí tem um fórum de lá é não sei o quê Melgaço. Aí, mas deve ser um ex-juiz de lá, mas é um fórum Melgaço. Então esses Melgaço têm eles, mas esse daqui veio de fora, ele não é daqui. Casou com uma prima minha, mas ele não é daqui.

AUGUSTO: O Raimundo não vem aqui, não, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Raimundo não vem.

JOSÉ AMARO: O Raimundo Linguíça?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

JOSÉ AMARO: Ele foi preso junto com o Randolpho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, pois é. O xis é que (trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele não adianta mais, não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele não quer...

JOSÉ AMARO: Ele tá aí. Seria bom até...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele não quer falar, ele não gosta de falar. Vamos visitar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele não quer, ele resiste.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aí (trecho incompreensível) quer visita-lo, pra ver se visitando ele em casa, se consegue né.

AUGUSTO: Ah, tá. Tem as perguntas da Telma pra ele aqui.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, o Xis quer visita-lo. A Telma sabe que ele não quer...

AUGUSTO: É?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não quer se pronunciar.

AUGUSTO: O Cláudio falou comigo que ia chama-lo pra vir aqui. Quando eu contei isso pra Telma, ela ficou muito entusiasmada e...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mandou as perguntas.

AUGUSTO: Mandou as perguntas, eu achei...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas ela já ligou pra ele e ele não quis falar com ela no telefone. Nem quis falar com ela.

AUGUSTO: Por isso que ela ficou tão entusiasmada em me dar...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Achou que ele ia...

AUGUSTO: Que ele ia topar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que tava se abrindo.

JOSÉ AMARO: Eu já procurei muitas vezes, que eu tô escrevendo um livro sobre (trecho incompreensível) eu quero pôr muita coisa assim, mas não consegui falar.

AUGUSTO: Por que você acha que ele não quer falar?

JOSÉ AMARO: Ele desanimou com a vida, ele tá, assim, doente...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não é só isso, não. O seu Raimundo, ele, o irmão é crente, eu também sou, mas, o Amaro é crente, o Xis é, mas o Raimundo, ele virou um crente conservador, e ele é resistente, ele é muito conservador, muito de direita. Não é rico, é pobre, mas é aquele que virou conservador e é de direita por ser conservador, sabe? Aquela posição conservadora, reacionário, uma posição reacionária. Então, ele ficou reacionário. Não sei se foi consequência do regime, mas desde que eu o conheço, ele aderiu a esse prefeito Joaquim Candido, que foi o prefeito da Arena aqui, que o Xis mencionou e tal, né, que foi quem fez o João Sette ir embora, e ele foi, depois de Flávio ele aderiu a esse grupo do Joaquim Candido e foi muito afinado com as políticas da Arena e ficou muito reacionário. E resiste a qualquer abertura. Resiste qualquer abertura pra essas coisas de esquerda, de contestação, de denúncia. Resiste a isso.

JOSÉ AMARO: O Raimundo Linguíça foi companheiro de pescaria do meu pai. E como ele foi preso, o delegado mandou prender ele mais o Randolfo trinta dias, cê acredita que o papai falou perto dele, ele ia muito lá em casa, ele já foi melhor pra conversar, hoje que ele tá assim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, ele já foi melhor, era muito conversado.

JOSÉ AMARO: Ele pescava com barrigada, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

JOSÉ AMARO: E com papai. Aí ele...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas conversa é com vocês.

JOSÉ AMARO: Falou com o delegado, “oh, delegado, vamos fazer o seguinte: o Randolfo mexe com esse negócio dos camponeses aí, eu não mexo, então já que nós estamos presos 30 dias, prende ele 15 e eu 15 e paga esse trem”, propôs isso pra ele, pro delegado. 15 pra cada um, né.

AUGUSTO: O delegado não concordou?

JOSÉ AMARO: Não, não concordou. Na verdade, o delegado na verdade eu acho que era o capitão Big. Capitão Big, né? Então o Big era terrível.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele se tornou conservador reacionário. É Isso que é o seu Raimundo?

AUGUSTO: É. O que não é raro, não, né. Tem muita gente que...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que ficou assim.

AUGUSTO: Ficou assim. Mas você é das ligas camponesas?

JOSÉ AMARO: Não, é porque eu cheguei em Três Marias em 1959, com 11 anos de idade. Então de 59 pra 64, deu...

AUGUSTO: Cinco.

JOSÉ AMARO: Cinco. Então eu tinha na verdade 16 anos, não é isso?

AUGUSTO: É.

JOSÉ AMARO: 16 anos. Então meu pai não aderiu a liga camponesa, meu pai era conhecido, chegado Neném da Peleca conhecido dele, então a gente morava pra cima da ponte e a liga camponesa era da ponte pra baixo. Aí quando o Randolfão ia lá em São Gonçalo...

AUGUSTO: Quando cê fala “da ponte pra cima”, “da ponte pra baixo”, é dos dois lados do rio, né?

JOSÉ AMARO: Do lado do rio, porém...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É do lado de lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

AUGUSTO: É tudo de um lado?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É tudo lado de lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Lado de lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A companhia já tinha chegado, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Já, já.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A companhia já tinha chegado e ocupou o lado de cá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

AUGUSTO: Ah, tá. O lado de lá é o lado de Abaeté?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Da ponte pra baixo.

JOSÉ AMARO: Não, quando ele fala pra baixo da ponte é descendo o rio e subindo o rio.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É o lado de cima da rodovia e debaixo da rodovia. Tá tudo do lado de lá.

JOSÉ AMARO: À direita da rodovia.

AUGUSTO: Tá. Então de um lado é a empresa, não é? Aí a empresa tinha esse...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: De uma margem.

AUGUSTO: De uma margem, tinha esse controle da... E do outro lado...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, as terras do lado de cá toda. Era da Codevasf, até o córrego, até um certo ponto da Codevasf e pra baixo a companhia comprou tudo. Então do lado de cá, da represa pra cá, a população não tinha acesso, não, que era a Codevasf era proprietária, quando desapropriou para a usina, até um certo ponto, que era o córrego Barreiro Grande. E do córrego Barreiro Grande pra lá, até no Córrego da Consciência a companhia comprou, e acho que comprou mais ainda. Então do lado de cá, a população nunca teve acesso, e os terrenos que era da Codevasf foi só pro controle da Cemig. Mas só o lado de lá que era a área desse conflito aí.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É. Da ponte até no Piraquara que era a área que foi, que Randolphão... Neném da Peleca...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Da ponte até onde?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Da ponte no Piraquara.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Até no Piraquara que tava na disputa lá...

JOSÉ AMARO: Onde o Lúcio comprou do...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era onde os camponeses plantavam.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Exatamente.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E o Neném da Peleca tinha a posse consolidada do lado de cima e queria mandar do lado de baixo também, é isso?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, também tinha do lado de baixo também.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tinha do lado debaixo também.

JOSÉ AMARO: Cê sabe porque papai chegou nesse lugar que cê tá falando? Que o papai, ele chegou a ir porque ele mexia com garimpo, e ali tinha um garimpo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, tinha um garimpo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Piraquara é de quem? De quem é o Piraquara?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: De uma associação de médico.

JOSÉ AMARO: Belo Horizonte.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: De médicos?

JOSÉ AMARO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: De quem que eles compraram o terreno?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Do Peleca.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Comprou do Peleca?

JOSÉ AMARO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Porque a Telma perguntou isso e eu não sabia. Como que adquiriram o terreno, foi do Peleca. Cê sabe se o Peleca era dono daqueles terrenos todos ou se aquilo era posse dele?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Rapaz, aquilo ali...

JOSÉ AMARO: Era tomado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É tudo tomado!

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É tomado também, né? Ele não era dono escriturado, não, né. Era posse, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Peleca...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Porque a Telma disse que tem até um histórico de uma decisão em que os camponeses teriam ganhado o direito sobre a terra.

JOSÉ AMARO: Isto.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas que não chegaram a tomar posse porque logo veio o Golpe...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, veio o Golpe.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E eles foram impedidos de...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, porque o golpe aconteceu assim, quando...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ela teve acesso a um processo. Não sei onde, no Inca, não sei onde.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Quando o governo presidente caiu, então veio pessoal pra ponte ali, colocou vários sacos de areia. Polícia, exército, né. Saco de areia, tal e tal. Aí...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tipo uma barricada, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Barricada. Aí o Senhor Neném do Peleca vai, montado no cavalinho dele...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Quem fez a barricada?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O exército.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, o exército.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aí vai, o Neném de Peleca vai montado no carrinho dele... No cavalinho dele, e perguntou o policial lá: “quem que é o comandante seus aí?” Aí “capitão fulano de tal”, “chama ele pra mim”, chamou, “tá vendo lá? Aquele povo lá, ó? Tudo comunista! Tudo...”.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Os camponeses, apontou pra eles.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, exato. “Tudo comunista! Tomando minhas terra tudo!” e chorando.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: “Invadiram minha terra”.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: “Invadiram minha terra, tudo comunista purim”. Aí foi onde o capitão juntou todo mundo, os policiais e foi aonde prendeu Randolfão, prendeu Raimundo Linguíça, Antônio Sabiá nós não sabe nem que aconteceu com ele, né. E aquela turma e tal.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Caiano.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ham?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Caiano.

JOSÉ AMARO: É. Um bocado deles. Aí esse pessoal foram embora e aí foi que eu fiquei triste, porque com 16 anos que eu tinha na época, eu via pessoas passar com quantidade de saco de milho nas costa, que o pessoal abandonou tudo, correram todo mundo, né. Ficou todo mundo disperso, ficou tudo disperso e as...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Com saco pra fugir, pra ir embora?

JOSÉ AMARO: Não, eu vim pra cá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Expulso de lá, né?

JOSÉ AMARO: Não, os povo daqui da cidade....

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, ia buscar.

JOSÉ AMARO: Ia buscar....

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ia buscar alimento.

JOSÉ AMARO: Buscar alimento, arroz, feijão, milho, abóbora, melancia, e a gente via, e a gente ficava sentido, porque é um sacrifício danado a pessoa preparar a terra e tudo, depois... Então aquilo entrou na minha cabeça e até hoje não sai.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Os agricultores moravam em quê, irmão, era casa?

JOSÉ AMARO: Em casa mesmo, casa assim, mas casa simples, de palha e...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Fácil de derrubar, né.

JOSÉ AMARO: É. Palha de coco, alvenaria eram pouquíssimas. Tinha poucas alvenarias.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E eles, quando prendeu, aí os outros foram expulsos? O que aconteceu?

JOSÉ AMARO: É, porque aí quando prendeu o chefe, o que os pequenos faz?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Dispersaram, né. Abandonaram as casinhas.

JOSÉ AMARO: Rapaz, (trecho incompreensível) biscoito foi parar lá em Santipó, Igapé, com medo, correndo por aí afora, trabalhando... Foi, dispersou tudo. Barricada e o biscoito, saiu correndo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Saiu correndo a pé.

JOSÉ AMARO: A pé, caminhando a pé.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Saiu lá pra...

JOSÉ AMARO: Saiu, com medo, né, porque...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Saiu pro lado de Corinto também.

JOSÉ AMARO: Isto. Foi parar pra aqueles lados lá. Foi tristeza geral.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E aí o Neném Peleca tomou conta das terras, derrubou as casinha, tomou conta? O que ele fez?

JOSÉ AMARO: É, aí ficou um pouco, assim... As roças voltaram a reflorestar, porque ninguém mais cuidou de plantar e, né, de cuidar e tal, aí foi deixando. Virou novamente mato outra vez, aí ele vendou pro Doutor Lúcio, da Tia Dora. Doutor Lúcio vendeu pro Paulo Afonso...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Teve plantação de milho lá...

JOSÉ AMARO: É, milho. José Afonso. E o José Afonso fez o loteamento naquela área lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O bairro agora surgiu cedido por esse José Afonso? Assim, quem faz a cessão de (trecho incompreensível)

JOSÉ AMARO: Não, deixa eu te explicar como é que foi a história. O Seu Neném Peleca, o filho do Capitão Big, casou com a filha dele, não é isso? Do Seu Neném Peleca. E viveram pouco tempo e separaram. Na separação, ele tinha a parte dele.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Capitão Big era o delegado daqui?

JOSÉ AMARO: Isto. Ela tinha a parte dele. Então Neném Peleca foi obrigado a fazer inventário, inventariar essa coisa toda pra poder tirar a parte do genro. Ele contava pra gente e chorava, porque gastou mais dinheiro pra fazer a documentação, aquele negócio todo, do que tirar...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Do que valeu a parte (trecho incompreensível)...

JOSÉ AMARO: Porque valeu, exatamente. Aquilo foi uma das partes...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então aquilo era tudo posse mesmo, ele não tinha documento de nada.

JOSÉ AMARO: Então foi uma das coisas que levou ele à morte mais rápido, foi exatamente essa...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então era posse mesmo.

JOSÉ AMARO: Era posse mesmo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então os camponeses tinham razão em disputar a terra, não tava tomando terra dele, não.

JOSÉ AMARO: Até porque cê viu que eles só perderam a terra com a revolução.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Com o Golpe.

JOSÉ AMARO: Com o Golpe, com o Golpe, né. Porque quem mandava nessa região toda do São Gonçalo era o padre João Matos. Então eu ia lá mais o Randolpho...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Padre João Matos andava armado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O padre João Matos era de São Gonçalo?

JOSÉ AMARO: São Gonçalo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era esse que tinha mulher?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tinha mulher... Ele chegava lá...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele nasceu em Morada Nova.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tinha terra, tinha mulher e andava armado... Ele era um coronelzinho ali, né?

JOSÉ AMARO: Exatamente.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tinha filhos, né?

JOSÉ AMARO: Não sei como era. Chegava lá, levantava a batina, tirava o 38 botava em cima da mesa e ia conversar com a gente. Aí eu ia mais Randolpho, eu ia mais Neném Peleca, eu não tinha lado, não. Quem me chamava pra ir...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Padre Matos não reprimia os camponeses, não?

JOSÉ AMARO: Não, ele até ajeitava, porque ele era aquele cara assim...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Porque tava muito longe, né. Ele era dono lá em São Gonçalo, aqui tava meio longe pra ele.

JOSÉ AMARO: Mas tava dentro do município, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

JOSÉ AMARO: Tava dentro do município. Então ele tinha voz ativa.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Assim, ele não tinha muito interesse em tomar dos camponeses não, né?

JOSÉ AMARO: Não, não tinha. Não tinha porque ele era político, ele era político. Diz os camponeses que era muito. Inclusive tem uma história que o sujeito chegava lá e, era adversário político, aí ele mandava a polícia pegar o camarada e meter o pau, bater mesmo. Aí ele chegava lá: “não, não bate nesse aqui não, é dos nossos. Pera aí”, tirava o sujeito, levava pra casa dele, dava um banho, dava roupa...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele mesmo mandava dar o coro e depois ele socorria a pessoa, né?

JOSÉ AMARO: É. Aí ele chegava lá: “não, não, não”. Ele levava o cara pra casa dele, dava banho, trocava, arrumava roupa pra ele e tal, pra pessoa, botava uma janta gostosa em cima da mesa, sentava: “moço, passa para o nosso lado, sô. Não vai acontecer isso com cê, não...”.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mais nunca!

JOSÉ AMARO: Então praticamente o camarada...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, já era obrigado.

AUGUSTO: Você falou uns nomes aí que desapareceram, né.

JOSÉ AMARO: É.

AUGUSTO: Você falou: “fulano de tal eu nem sei o que aconteceu com ele”. Tem gente que sumiu e que a história não registra esse desaparecimento? Ou seja, essas mortes podiam estar sendo investigadas pela Comissão da Verdade? Você acha que eles sumiram porque eles fugiram ou porque eles foram mortos?

JOSÉ AMARO: Não, não. Mortos eu acho que a gente não sabe, né. Não tem esse... Só que o Antônio de Barros, João de Barros, aquele que morava perto, lá embaixo, esse, coitado, foi embora pro Mato Grosso e chegou lá, foi mexer com roça, porque ele sabia fazer. Então ela ia roçando a taboca com a foice, cortou... Quando ele abaixou pra pegar, a taboca furou um olho dele. Ficou três dias sem medicamento. Depois disso ele veio aqui, nunca mais também a gente teve notícia dele mais. Não foi esse caso de morte, não. E os outros mesmo foi por idade ou qualquer coisa, ou doença, né. Em termos assim, de morte...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Desaparecia gente, mas não acho que tenha sido por causa da repressão. Que ia embora... Porque as pessoas chegavam pra cá, chegava um monte de gente na beira do rio, famílias, escorraçadas dos coronéis...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Correndo da (trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E vinham pra cá. Aí começavam a pescar na beira do rio, a polícia escorraçava eles porque não podiam pescar e eles ficavam sem lugar pra ir, aí foi tudo indo embora.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: No meio dos camponeses tinha candango? Ou era gente da região mesmo? Tinha candango das obras que resolveram viver da terra?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, mas geralmente...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Candango das obras não tinha, não?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mais é, se tivesse era muito pouco. É porque mais é aquelas pessoas que sabiam mesmo lidar com roça, que vinha de outras regiões...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que tinha vocação pra terra, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Chegava lá e falava com Randolpho: “óia, eu sei mexer com roça...”.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Me dá um pedaço aí.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: “Me dá um pedaço aí” e ia lá e riscava...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Randolpho marcava um pedaço dele.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Demarcava e o pessoal, né, começou a ser procurado por mais gente, foi tendo mais...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Randolpho era de onde?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, não sei.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele tinha um filho vivo aí, tem pouco tempo, um filho, deve ter hoje uns 70 anos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não sei onde é que tá a família do Randolpho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Se procurar ele...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não sabe de onde era? Era casado? Tinha filho?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Casado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Conhecia os filhos dele?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Conhecia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Morava com a família, mulher e filho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Morava com a família, família digna.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Conheço um filho dele aí, não sei onde é que tá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele era inclusive uma pessoa de moral na cidade.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, quanto a isso sim, mas assim, a origem dele você não sabe?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não sei de onde que ele é.

AUGUSTO: O Flávio frequentava as ligas camponesas?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, ele ajudava a gente. Os pescador, por exemplo, igual cê falou, prendia o pescador lá pescando dentro da área qualquer coisa, que a Cemig proibia na época, né, então cê chegava na casa dele duas horas da manhã, quatro hora, nove horas da noite, qualquer horário, cê batia. "oh, prefeito! Flávio!" Levantava e ia lá na delegacia e soltava o sujeito. Então era uma pessoa superquerida pelos pescador, pelo, sabe? Mas pelo caso de ele chegou em Três Marias muito recente e assim que ele chegou ele já foi logo o próximo candidato a prefeito, né, primeiro né, e foi eleito, então ele não tinha muito tempo pra tá assim. Mas, como pessoa, assim, a gente encontrava com ele na rua, ele ia mais do lado da gente do que do outro lado, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele tava muito no espaço político, né, não na luta...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso pode ter ajudado a caracterizar o lado dele, né, pro regime. O fato de que ele se relacionava do lado dos humildes. O irmão acabou de dar a dica aí, né. Tinha conflito com... Não era diretamente com o regime, mas com a repressão, né. Não era ainda o regime, porque o regime se instalou naquele ano. Mas a instalação da usina foi repressiva.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi repressiva.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A placa que...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tinha conflito com a repressão e ele ficava do lado dos oprimidos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Exatamente.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E era do lado, tinha conflito com os fazendeiros, ele era, dos camponeses, ele ficava ajudando os camponeses, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sem dúvida, ele ajudava.

JOSÉ AMARO: O que o papai pescava lá no...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele era sensível à justiça social.

JOSÉ AMARO: Um fato interessante...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, ele olhava muito o lado social.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aham.

JOSÉ AMARO: Todo mundo chegava na beira do rio lá, o Norberto deve lembrar, mamãe fritava peixe pra ele, tinha uma geladeira a querosene, lá não tinha luz, não. Tinha luz em lugar nenhum.

Aí chegou uns policiais lá, pediu mamãe pra fritar peixe, mamãe fritando lá e eles comeram peixe, uma baciada de peixe assim, e falar: “oh, seu Tiãozinho vai com a gente pra mostrar pra nós uns negócio aí e tal” e foi. Sumiu. Três dias, mãe procurando, não achava.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Quem falou: “seu Tiãozinho vai com a gente”?

JOSÉ AMARO: Os policiais do Capitão Big.

AUGUSTO: E quem que é seu Tiãozinho?

JOSÉ AMARO: É meu pai.

AUGUSTO: Seu pai.

JOSÉ AMARO: Aí saiu. Aí com três dias ela procurando, procurou Doutor Lúcio, Elísio Machado, João Apolinário, que era promotor de justiça, que tinha muito turista. Papai tinha uma espécie de pousada, barco de aluguel, inclusive...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E esse movimento turista, pescador amador já tava forte.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Já tava iniciando.

JOSÉ AMARO: E papai começou esse negócio de turista lá depois o papai, quando mataram Pedro naquele lugar ali, meu irmão morreu, o Pedro, aí papai passou os barcos pro Doutor Norberto. Aí Norberto continuou. Mas aí papai preso três dias, mamãe procurando com a renca de filho. Aí procurou esse João Apolinário, que era um promotor amigo do papai, tinha turista demais amigo dele. E o Neném Peleca cercava a nossa casa de muro, ficamos murados uma semana e o pessoal vinha e derrubava. Aí quando ele foi, papai sumiu, foi na cadeia da satélite, tem as ruínas da cadeia até hoje. Foi na cadeia satélite, com João Apolinário, papai tava preso há três dias. Aí trouxe, soltaram papai, promotor conseguiu, aí veio...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Por causa de pesca, seu pai tava preso por causa de pesca.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (áudio ruim)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aí...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Falou “Vem comigo” e prendeu?

JOSÉ AMARO: Papai falava, ele falou que eles perguntavam pro papai lá na cadeia assim, porque via papai pescar com Raimundo Linguíça, “o quê que cê tem com Raimundo Linguíça? Quê que cê é? Cê é o quê do Randolpho?”.

AUGUSTO: Que ano isso?

JOSÉ AMARO: Ham?

AUGUSTO: Quando?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso já após o Golpe, né?

JOSÉ AMARO: É, isso, isso mais ou menos 64, por aí.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Depois de março, né? Já era mais pra frente.

JOSÉ AMARO: Aí eu lembro desse episódio, deles contarem sempre, né. Isso passou a ser um caso. Lá debaixo da ponte do rio São Francisco tem duas pilastras em ruínas lá, os pescador ficava lá tecendo tarrafa quando pescava à noite e contando as arbitrariedade, que as polícia corria atrás mesmo! Atirava...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Dava duzentos tiros por noite.

JOSÉ AMARO: O meu irmão, um morreu, mas eu tenho outro que é atirado aqui, o Edmar, né. E eu ficava lá escutando, menino escutando o papo deles, esses negócios do...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Edmar recebeu bala?

JOSÉ AMARO: Tem duas, uma na perna...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Edmar de Rosângela, né?

JOSÉ AMARO: É. E uma nas costelas. Tem uma história pequenininha, quer que eu leio pro cês?

AUGUSTO: Quero.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Esse é de qual título?

JOSÉ AMARO: Ica e Tiãozinho, um romance a bala.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ica e Tiãozinho. Ica é sua mãe, né?

JOSÉ AMARO: É.

AUGUSTO: E Tiãozinho é seu pai.

JOSÉ AMARO: Isso.

AUGUSTO: É um livro seu, né?

JOSÉ AMARO: É. “Em uma de suas crises, Ica foi levada ao Barreiro Grande para comprar o remédio que frequentemente usava. Nas mãos de Pedro”...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Seu irmão.

JOSÉ AMARO: É. Ele devia ter, não sei, uns 12 anos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que foi morto.

JOSÉ AMARO: “Estava a receita do remédio Dienpax, trazida lá de São Gonçalo. Ao passar com o dkv (trecho incompreensível) na trincheira, de sacos de areia, na boca da ponte” ficava sacos de areia, do lado de lá e do lado de cá, “três policiais, já exageradamente armados, pararam o carro e um desaforado já foi dizendo: ‘tá proibido passar carro sem autorização assinada’, ‘moço, a gente mora aqui debaixo da ponte. Só vamos comprar um remédio lá no João Lamego’, tentou explicar Tiãozinho. ‘Então vá a pé, o carro não pode passar’, ‘moço, deixa a gente passar, tô doente, não posso ir a pé’, insistiu Ica, ‘não adianta, ordi é ordi’”, ele falava assim mesmo, “ordi é

ordi. Sem torização, não tem'. Então Pedro, muito sabido, entregou a receita do remédio ao policial, que pegou o papel de cabeça pra baixo, olhou, passou para o outro, o outro olhou de cabeça baixa, entregou para um terceiro que observou e também parecia não saber ler, pois o papel permanecia de cabeça pra baixo. Foi aí que Pedro falou: 'moço, o senhor tá lendo de cabeça pra baixo', 'o que é que tem? Nós é polícia, nós lê do jeito que nós quer'. O policial tendo arrotado essa pérola de arbitrariedade, deu sinal para que o casal passasse. 'Viu? Lei é lei. Tem que bedecer! Leve este documento e traz toda vez que passar e apresenta'".

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Leva este documento.

JOSÉ AMARO: Isso aconteceu.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Chique!

AUGUSTO: Mas então o seu pai fazia, o Tiãozinho fazia parte...

JOSÉ AMARO: Ele tinha uma carteirinha da Liga Campesina, só que ele falava com nós que ele não gostava disso porque ele queria uma terrinha pra plantar, ele não sabia de nada. Papai nem ler sabia! Sabia ler não. Nunca foi na escola. Ele não tinha convicção. Ele entrou porque ele queria uma terrinha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas ele vivia da pesca ou ele plantava já...

JOSÉ AMARO: Três coisas. A vida toda mexia com pesca, garimpo e plantava. O sustento nosso era só sobrevivência.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O pedaço de terra, ele tinha um pedaço de terra...

JOSÉ AMARO: Tinha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Marcado pelo Randolpho e plantava nele?

JOSÉ AMARO: Isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E era associado à Liga?

JOSÉ AMARO: A primeira que ele entrou como posseiro foi lá em Canoeira, num lugar que chama Vereda Verde.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Canoeira é um povoado que tem um pouco à frente, que pertence ao município de São Gonçalo. Fica na margem da 040, um pouco à frente.

JOSÉ AMARO: Tipo bang-bang antigo. E ele como largou tudo lá, saiu pra ele o papel de posse e tal, aí ele largou tudo, tem lá até hoje. Aí ele veio pra beira do rio e pegou esse pedaço do Randolpho. Depois o Neném Peleca perseguiu mais o papai do que todo mundo, se ocê ler, é impressionante!

AUGUSTO: Mas as Ligas Camponesas, elas acontecem nessa região aqui por causa do rio, né? As ligas se estabeleceram na margem do rio, né? Ali no beira rio, né? Ali que era o lugar das ligas, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, ali mesmo.

AUGUSTO: E a facilidade da água...

JOSÉ AMARO: É, por causa disso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E uma faixa de terra boa, porque aqui a terra é muito ruim.

AUGUSTO: Por causa da terra boa e a possibilidade de pescar, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Exato.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aqui a terra é muito ruim. Essa região onde tá Três Marias é terra ruim e logo que passa a ponte e anda uns 5km a terra fica ruim de novo. Então tem uma faixa de terra boa ali. A única faixa de terra. Por isso o fazendeiro também ficava tão bravo pra segurar a terra.

JOSÉ AMARO: Aqui tem um pedacinho que fala no pai dele, cê viu?

AUGUSTO: Sim, mas deixa eu entender uma coisinha aqui, então quer dizer que tinha uma faixa de terra fértil que favoreceu que...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Atraiu.

AUGUSTO: Que atraía as pessoas, tanto os fazendeiro quanto os camponeses que queriam fixar ali. Isso é de quando? É muitos anos antes de 64?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Quando que o Randolpho chegou aí, que começou a organizar isso?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, eu acredito...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi o Randolpho que começou a organizar ou ele chegou e já tinha o movimento?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, foi mais ou menos 60, 60 que começou...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi com a construção da usina mesmo e da estrada, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi em função disso.

AUGUSTO: Quer dizer que a construção da usina...

JOSÉ AMARO: Que antes era garimpo, antes disso era garimpo. Papai garimpou em 47, ele não falava sobre isso.

AUGUSTO: Tá, era garimpo.

JOSÉ AMARO: Era garimpo.

AUGUSTO: Também ninguém tinha...

JOSÉ AMARO: E pescaria.

AUGUSTO: Tá. E ninguém tinha muito interesse na terra porque não tinha... Aí quando faz a represa e faz a BR, valoriza a terra.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E criou canal de circulação, porque a obra trouxe gente, isso aqui era um deserto! Isso aqui era um deserto, não tinha estrada, era só... Andava de carro de boi.

JOSÉ AMARO Essa ponte aí era uma balsa que atravessava.

AUGUSTO: E o Randolfo chega, ninguém sabe de onde que ele veio, mas ele chega e começa a organizar isso, que já era um movimento que no Brasil já...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Já devia, tava quente, né.

AUGUSTO: Tava quente.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Doutor Juliano, né? Doutor Juliano vinha aí.

AUGUSTO: Ah, é?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele veio aí?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Veio, várias vezes.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Francisco Juliano?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Francisco Juliano, eu conheci ele. Aí professor Apolo também era naquela época, só que eu não conheci Apolo naquela época, conheci foi depois.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Apolo (trecho incompreensível)?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Também veio aí?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele não chegou a vir, não, mas ele era, ele trabalhava com o Doutor Juliano.

JOSÉ AMARO: Nós tivemos uma reunião com ele esses dia aí.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Só com o Apolo?

AUGUSTO: Apolo é de Salinas.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, tá certo.

AUGUSTO: Conheci ele.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então desde essa época o Apolo tava articulado aí também? O nome dele já tava vinculado...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, já tava, desde a época...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Conta sobre a visita de Francisco Juliano, interessa pra ele.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, eu não lembro te precisar certinho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Quando foi, o quê que aconteceu, fez uma reunião com todo mundo...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele veio aqui várias vezes dar apoio pro Randolpho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E você lembra se teve reunião com todo mundo?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Teve! Fazia reunião, fazia!

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Lá...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ia lá, chamava.

AUGUSTO: O Flávio ia lá assistir essas reuniões?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, ia não. Flávio não ia, não. Ele não tinha muita ligação assim, sabe como é que é?

AUGUSTO: Tem outras ligas perto daqui. Porque isso era uma liga, dessa região delimitada, né. Tinha outros movimentos desse em regiões perto daqui. Ituiutaba tem alguma coisa. Ituiutaba, tem um registro do DOPS do Flávio participando como...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ituiutaba fica perto de Curvelo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Essa liga de Campesina, ela...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Inimutaba que é lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Inimutaba.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ituiutaba é lá no...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Triângulo mineiro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Triângulo mineiro.

AUGUSTO: Como é que chama?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Inimutaba.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Inimutaba.

AUGUSTO: Inimutaba. É perto daqui, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É perto.

AUGUSTO: Perto de Curvelo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Fica saindo de Curvelo indo pra Diamantina, é quase um bairro de Curvelo, quase um bairro, descola pouquinho. É como daqui no beira rio.

JOSÉ AMARO: Eu fico pensando que esse Randolpho é lá do sul, do Pará, do Paraná, porque na carteirinha da Liga Campesina, o Randolpho assinava aquelas carteirinha, e acho que...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tinha carteira de filiado?

JOSÉ AMARO: Da Liga Campesina, e era... Papai não assinava, ele pregava o dedo, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cê lembra da carteirinha do seu pai?

JOSÉ AMARO: Lembro, lembro. Sou doido pra arrumar uns documentos do papai. Sumiu tudo, até o relógio de bolso levou no museu lá...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não acha, né?

JOSÉ AMARO: Deu a roupa pros outros, o relógio foi junto. E tinha um nome de um cara lá na carteirinha, tipo João Pedro Stédile, mas claro que não é ele, é tipo assim, coordenador geral. E era esses nome lá do Sul, uns nomes parecidos oriundos da Alemanha, sabe?

AUGUSTO: Qual que era o sobrenome do Randolpho?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Fernandes da Silva.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Fernandes da Silva.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Esse era bem brasileiro.

AUGUSTO: Mas então esse movimento era daqui, a outra cidade, Inimutaba...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Inimutaba.

AUGUSTO: Inimutaba. Quantos quilômetros daqui mais ou menos?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 160.

AUGUSTO: Isso tudo, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 140, daqui Curvelo é 140? 150 km.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, no máximo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 150. 10km depois de Curvelo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 80 daqui em Felixlândia, tem 70 a Curvelo? Tem mais ou menos? Uns 50.

JOSÉ AMARO: Oh (trecho incompreensível), cê sabe aquele jardim...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 130, 140, 150 km.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, isso assim. Entre 130, 150.

AUGUSTO: As ligas comunicavam uma com a outra? Tinha intercâmbio?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, não, não lembro. Essa parte aí eu não me lembro se comunicava. Eu sei, só tinha (trecho incompreensível) aqui na região.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas o Francisco Juliano teve aqui?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Teve.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então era bem articulado, tinha o cabeça vinha cá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Porque o Francisco Juliano, ele era politizado, ele era do movimento mesmo.

JOSÉ AMARO: O Fernandes do Randolpho é “z” no fim?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Heim?

JOSÉ AMARO: Fernandes era com “z” no final, do Randolpho?

AUGUSTO: Com “s”.

JOSÉ AMARO: Ah. Não, cê sabe aquele jardim...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não era espanhol, não.

JOSÉ AMARO: Que eles ganhou na loteria, o Jardim, um magrinho que eles fala que ganhou na loteria um tempo atrás? O Jadir, eu fotografei ele pro memorial Barreiro Grande anteontem e ele me deu nome dele é Jardir Fernandez da Silva.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas são nomes muito comuns, não tem nada a ver, não, nunca ouvi falar, se fosse ele tinha falado. Aquele Jadir feizim?

JOSÉ AMARO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aquele que inventou.

JOSÉ AMARO: É, Jardir Fernandez.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não.

JOSÉ AMARO: É muita coincidência.

AUGUSTO: Mas isso aí que ele leu um trecho aí que falou...

JOSÉ AMARO: Ah, aqui ó, do lado de cá do rio...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pai seu?

JOSÉ AMARO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Do lado de Brasília...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Como é que ele chamava?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Manuel Copam. Vem Copam por causa da cachaça que tinha, ele bebia demais.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Copam? Ele era apreciador dessa daí?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

JOSÉ AMARO: Oh, eles punham os nomes das pessoas conforme bebia demais. O Raimundo Relógio, o nome dele é Relógio, mas ele não consertava relógio, não gostava de relógio, é porque se ocê chegasse lá: “Raimundo, que hora é?”, ele olhava assim e falava a hora certinha! Por isso que chamava...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Qual? Raimundo Linguixa?

JOSÉ AMARO: Não, Raimundo Relógio.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Esse eu não sei quem era, não.

JOSÉ AMARO: Ele ficava nas terra do, ganhava terra do Randolfo também, que era lá embaixo, lá pertinho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E naquela época ele tinha relógio.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele não saiu da terra dele, né? Ele ficou lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, eu falei Raimundo, é o Chico Relógio.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, Chico eu lembro, seu Chico.

JOSÉ AMARO: É, o pai do Raimundo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tinha a relojoaria do seu Chico, eu lembro dele. Seu Chico eu lembro.

JOSÉ AMARO: Não, mas ele não mexia com relógio, não. Não é esse aqui em Três Marias, não. Ele morava na liga lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, só tinha apelido.

JOSÉ AMARO: Ele é pai do Beijo Relógio, Raimundo relógio, Milton relógio. Ele era o Chico. Do lado de cá do rio, do lado de Brasília, da porta da casa da família Caiçara...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O lado de lá é na ótica do livro, né? O lado de lá... O lado de cá você chama é do lado de lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, de Brasília, é porque...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É na ótica do livro, é. É na ótica do autor.

JOSÉ AMARO: Da porta da família Caiçara até a margem do rio, havia uma descida íngreme. Pera aí, não é dessa parte que fala do Manuel, não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era o que Copam? Manuel?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ue, eu marquei e tirei.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Copam chamava a pinga?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era a mais ruim que tinha, mas era abundante.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tipo essa vagabunda 51 de hoje, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que isso, 51 é bom demais.

JOSÉ AMARO: Ah, achei. "Mais acima, pro lado do serrado, o Coronel Neném", eu ponho "ném" pseudônimo, é Neném Peleca, eu ponho "coronel Ném".

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Claro.

JOSÉ AMARO: “O coronel Ném, que era o latifundiário, fez uma imponente construção. Mas para dentro do sertão, corria a fama de Randolpho, o líder camponês que lutava pelos sem-terra. Numa casinha solitária, lá do outro lado do rio, quase debaixo da ponte, fazendo resistência à companhia metalúrgica, morava a família do Raimundo Milho, que era casado com a filha do Manuel Copam”.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cê vai dar um presente desse pra ele levar?

JOSÉ AMARO: Vou, vou.

LOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Porque o seu Tiãozinho é da história, tá contando do seu Tiãozinho, né.

JOSÉ AMARO: Raimundo Milho também. Raimundo fez uma resistência danada por uma terrinha, mas foi contra a mineira, não foi contra os latifundiários, foi contra a mineira, né, que a mineira não queria deixar ele ficar lá, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É do lado de cá.

AUGUSTO: Bom, a pergunta da Telma aqui é se vocês conheciam o Randolpho Fernandes da Silva, todo mundo conhece, ele foi preso na ocasião e ninguém nunca mais ouviu falar dele?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, ele voltou pra Três Marias. Quando soltaram ele, ele voltou pra Três Marias, só que quando ele voltou pra Três Marias, a gente não sabe...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aí sumiu.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sumiu, não sabe...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Os liderados já tinham dispersado também? Já tinham dispersado?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Já, tudo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele ficou meio sozinho aí?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Exatamente. Aí ficou sozinho, né. Ficou como...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E aí depois cê sumiu também?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ficou praticamente como...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cês souberam quando ele foi embora? Souberam quando ele foi embora ou...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, não, não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: De repente ele não tava mais aí?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, não tava mais aí. A gente não tem uma ideia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não sabe pra onde foi ele não?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ficamos sabendo que ele adoeceu e morreu.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Notícia. Mas sabe onde?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, não sabemos. Parece que tinha ido embora lá pra Matipó, pra aquela região. Acho que é isso, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Matipó?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Matipó.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, é, Matipó. Tem família em Matipó.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Randolpho?

JOSÉ AMARO: Mamãe falava nessa cidade, Matipó.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, Matipó, na zona da Mata.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Zona da Mata, exatamente.

JOSÉ AMARO: Mas a gente não sabe se ele é de lá, não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Matipó.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Matipó fica perto de Rio Casca, Abre Campo? Sabe, Rio Casca, Abre Campo? Indo pra Vitória, a gente vai pela 381 até João Monlevade, né?

AUGUSTO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Em João Monlevade ela vira pra... 381 segue pra Valadares e retoma o trecho da 262, né, o trecho da 262 que tava interrompido cá em Betim, retoma lá em João Monlevade e segue pra Vitória.

AUGUSTO: Uhum.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então pela 262, após João Monlevade, então chega-se a Abre Campo e Rio Casca, que fica indo, a gente indo daqui, indo de Belo Horizonte, Abre Campo e Rio Casca ficam à margem direita da 262. Um pouco a frente, antes de Realeza, seguindo pra Vitória você conhece esse trecho?

AUGUSTO: Conheço, Realeza, sei.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Antes de Realeza, tem uma saída à esquerda, indo de Belo Horizonte, à esquerda. Aí vai-se a Matipó. É uma cidadezinha que fica... Ela não fica à margem da estrada como Abre Campo e Rio Casca ficam a margem da estrada.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ela fica uns 10km.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Indo pra Vitória, aquele caminho, é onde tem umas unidades daquela fábrica, daquele laticínio famoso que foi vendido pra, Cotochés. Tem os laticínios da Cotochés, tem umas parada, você come um queijinho...

AUGUSTO: Sim, sim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aquelas cidades são Rio Casca e Abre Campo. Então um pouco a frente tem, e Rio Casca e Abre Campo fica, como Três Marias, fica na margem da estrada, um pouco à frente tem a saída à esquerda, que vai para Matipó. Hoje tem uma faculdade. Uma cidade pequena, como Três Marias, mas tem faculdade, etc., uma cidade próspera.

JOSÉ AMARO: Aqui eu falo um pedacinho do Flávio.

AUGUSTO: Sim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então ele é daquela região de Rio Casca?

JOSÉ AMARO Não sei.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele tem parente lá?

JOSÉ AMARO: Ele tem parente lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Família.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Agora...

JOSÉ AMARO: Eu acho que ele é do Sul.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E a notícia é que morreu por ali? A notícia seria essa?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nada, não sei de nada.

AUGUSTO: E ele era Randolfão porque era muito alto?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não era tão alto, ele era uma pessoa destemida...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele era imponente, mas ele tinha arma também.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: No sentido forte, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Exato. Nego respeitava ele mesmo, porque ele era bravo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Andava montado?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Andava montado, cavalo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, então eu lembro que quando eu instalei uma feira dos agricultores aqui de Três Marias, pelo prefeito, eu quis colocar o nome de Randolfo Fernandes da Silva na feira dos produtores rurais lá, ali no parque de Adorim. E uns fazendeiros, era pra produtor rural e fazendeiros, né, e eles se rebelaram contra mim, não quiseram aceitar e o prefeito o nome de Randolfo. Eles foram lá e falou: "de jeito nenhum! Esse Randolfo era um homem mau! Chegava montado em um cavalo branco, com facão atravessado dum lado e uma garrucha do outro! Subversivo, matador de gente. Cê não vai pôr esse nome aqui não! Põe o

nome do seu primo!", tinha morrido um primo meu também, que era mesmo da feira, envenenado com agrotóxico...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Geraldinho?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Geraldinho. "Põe o nome do seu primo que fica bem colocado!", aí eu aceitei, botei o nome do meu primo quando eles rejeitaram o nome do Randolpho.

AUGUSTO: Randolpho continua assustando aí. E Adelina Rocha?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, o da Rocha. As três Rocha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas voltando à poesia, eu lembro dessa expressão do seu Elói Tevez, "o Randolfão chegava montado com o cavalo branco, com a garrucha dum lado e o revólver... E um facão do outro", então essa é a imagem de um homem imponente! Merecedor de...

AUGUSTO: Respeito.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: De respeito, né? De prestígio. Pode fazer a pergunta de novo.

AUGUSTO: Ele ia falar da Adelina Rocha.

JOSÉ AMARO: Ah, eu sei o nome das três. Não, aqui é assim, quer que eu fale uma partezinha do Randolpho? Randolpho não, do Flávio. "Eram tempos difíceis, eram anos turbulentos. Trabalhadores da cidade torturados, tachados de subversivos, camponeses assassinados sob suspeita de serem comunistas, pescadores eram presos para interrogatórios e esquecidos nas cadeias, os ricos se exilavam em outros países, os pobres herdavam os sete paus de terra desse mesmo latifúndio, sem nunca terem ouvido Chico Buarque, Itaipuara e nem cantado Geraldo Vandré, e entre pólvora, fumaça, chumbo, flor exposta nos peixes do velho Chico, nasce mais uma filha do casal, sem contar os que a pobreza matou, é o sétimo. Ângela aprendeu a nadar tão cedo que os turistas a apelidaram de piabinha".

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso sua irmã.

JOSÉ AMARO: É. "Entulho, saci e estrume" é o pseudônimo do Neném Pelé. "Quando passavam a cavalo sobre a ponte, atiravam no rumo da casa de Ica e Tiãozinho, isso acontecia como represália ou no mínimo como passatempo de estúpidos normais. Capitão Bigorna", que é o capitão Big, "outros militares e os vereadores que apoiaram o Golpe, reuniram com o fazendeiros da região na casa do coronel Ném, no Barreiro Grande, e tramaram a cassação do prefeito de esquerda, assim, Flávio Ferreira, o prefeito do Barreiro, que tinha ideologia, foi cassado pela Ditadura Militar. Foi tão perseguido", aí eu pus "posteriormente que o 'suicidaram', e alguns anos depois a população, em protesto, elegeu o bode fumaça para ser o novo prefeito do Barreiro

Grande”, é isso mesmo, nas urnas antigamente se escrevia o nome. “Nas urnas o nome do bode foi o mais escrito, mais escrito que os dos outros candidatos registrados. Ele passou a ser conhecido como bode prefeito”, aconteceu em Três Marias.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O bode tinha um bodão...

AUGUSTO: Ah, um bode mesmo, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Qual foi a eleição?

JOSÉ AMARO: Deve ser 60 e quanto?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi antes... Foi antes do...

JOSÉ AMARO: 65?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Porque depois elegeram o Adão e depois elegeram Joaquim, depois do Flávio, né. Foi numa dessas da eleição que elegeram Adão então.

AUGUSTO: Aí tirou o bode e ganhou o segundo lugar?

JOSÉ AMARO: É! Ninguém ia pôr um bode lá. Mas o bode andava pelas ruas mesmo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era amigo de todo mundo. Comia na mão de todo mundo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Você falou era o pseudônimo do Ném, era como o povo o xingava, né?

JOSÉ AMARO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não era o pseudônimo, era como o povo xingava.

AUGUSTO: Adelina Rocha. Ela era vice-presidente da liga camponesa?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não sei, não tenho conhecimento, não sei, não.

AUGUSTO: Elas, você não tem, se alguma delas?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É porque elas moravam era do lado de Três Marias, né. A Adelina Rocha. As Rocha, as três irmãs. Ela morava lá bairro da Consciência, do lado de Três Marias. Eu não sei qual que era a aproximação dela com a liga não.

AUGUSTO: E o Valdomiro Félix da Silva?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Valdomiro... Quem que era esse Valdomiro?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E essas irmãs faziam o que?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mexiam com roça. Só que a...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era três, três irmãs.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (Trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cê sabe de quem que elas são parente? As três irmãs? Joaquim Bicicleta.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, Joaquim Bicicleta era genro dele, de uma delas.

AUGUSTO: Laudemiro Alves de Paula.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Laudemiro?

JOSÉ AMARO: Quem que será? Às vezes a gente conhece por apelido.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Com esse nome...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Antônio Sabiá, pode ser um desse, né? Antônio Sabiá.

AUGUSTO: O senhor sabe se durante a Ditadura os lavradores se organizaram novamente? Por exemplo, foi reaberto o Sindicato dos Trabalhadores Rurais? Teve alguma luta pela terra ou houve uma dispersão e acabou tudo?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, é dispersão total.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sindicato foi só quando, bem depois, quando o Amorim fundou aquele outro, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, isso, aqui do lado de cá, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: De lá pra cá não teve nada, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, mais nada.

AUGUSTO: É, tem essa pergunta aqui: quando que houve a criação do Sindicato Rural, ah, Sindicato Rural ligado aos fazendeiros.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Também foi depois. Foi o Melgaço que fundou o Sindicato dos Fazendeiros. O senhor lembra quando o Melgaço fundou (trecho incompreensível)? Foi no ano de 1987.

AUGUSTO: Tá. Essa pergunta aqui talvez o senhor saiba. A Liga Camponesa de Três Marias chegou a fundar uma escola?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, tinha uma escola.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tinha uma escola lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tinha uma escola.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A professora era a mulher do Taioba.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas a escola também era de casebre, né? Não era...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: De casebre também era, não era oficial, não.

JOSÉ AMARO: Um homão branquelão, forte, que morava no São Geraldo, a mulher dele deu aula pro Edmar lá nessa escola da liga camponesa, lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ela...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E a professora ganhava de quem? Dava aula de graça?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso que eu não...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Do Estado, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, do estado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era escola mesmo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, escola.

AUGUSTO: Após o Golpe essa escola fechou?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Fechou, cabou tudo.

AUGUSTO: (Trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cabou tudo, tudo, tudo.

AUGUSTO: O senhor se lembra de um grupo escolar e um banco de crédito? Grupo escolar é esse aí talvez, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É esse.

AUGUSTO: Um grupo escolar e um banco de crédito fundado em 63 pelo Sindicato dos Trabalhadores da Lavoura de Três Marias? Banco de crédito e grupo escolar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Grupo ele lembra. É esse aí.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Esse banco de crédito não é do fundo rural que tinha antigamente? Papai falava desse Funrural. Ele inclusive, meu pai foi aposentado pelo Funrural.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas isso é do governo federal.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas tinha uma linha de crédito. Ah, cê fala um...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tipo uma cooperativa, uma coisa assim.

AUGUSTO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, não, então não é. Esse é alternativo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Às vezes podia ser de outra região que tava dando assistência pra eles aqui, né. A Telma tá perguntando isso porque nos documentos dela achou algum vestígio disso.

AUGUSTO: É. Agora...

JOSÉ AMARO: Acho que o bom é se vocês viessem pra cá e ficassem uma semana, né.

AUGUSTO: Eu acho! Com mais calma.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pesquisando...

AUGUSTO: Fora do sábado.

JOSÉ AMARO: Fora de feriado prolongado, semana. Aí nós ia...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tem de ir lá em São Gonçalo também, pesquisar uns documentos lá.

JOSÉ AMARO: São Gonçalo... Tem uma pessoa aqui que sabe demais, oh, prezado, sabe demais, demais, demais, demais, demais, mais do que qualquer um de nós: a Ceiça.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A Ceiça tá doidinha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sabe demais! Sabe demais, demais, demais.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tem juízo, não, tá doidinha. E o que ela sabe, ela não fecha uma informação com a outra.

AUGUSTO: Norberto, cê vai sair, né?

NORBERTO: Vou.

AUGUSTO: Deixa eu te pedir pro cê, só um minutinho, só pro cê escrever, pôr seu nome completo aqui. Nome e endereço.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A Ceiça...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ela tem um histórico do Salvação do (trecho incompreensível) que eu vou te falar um caso...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É porque a Ceiça tava na prefeitura desde... Na minha época...